

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA, 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

(Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899)

Secretario da redacção

Carlos Callixto

E DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Terça-feira, 1 de Abril de 1902

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 6 mezes 600 réis
 Provincias, 6 mezes 680 *
 Numero avulso 60 *

TIRO

A implantação do Tiro Nacional em o nosso paiz

Na sessão da Camara dos Dignos Pares do Reino, de 13 de março findo, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, illustre ministro da guerra, respondendo ao Digno Par o sr. conselheiro Sebastião Telles, a proposito da criação da Direcção Geral dos Serviços de Infantaria, proferiu as seguintes palavras, que encontramos registadas no summario d'essa sessão no boletim official do parlamento:

Não é pela iniciativa individual que o tiro nacional se pôde desenvolver. Deve dizer que o tiro nacional não se deve, como se tem propalado na imprensa, á iniciativa d'elle, orador. Essa iniciativa pertence a um dos officiaes mais distinctos e mais illustres do nosso exercito, o sr. coronel Duval Telles. Elle, orador, só tratou de arrancar algumas peias ao regulamento de 1890, para que a instituição podesse desenvolver-se e fructificar.

A tres homens se deve, mais do que a ninguem, o desenvolvimento da instituição; a Cunha Bellem, esse benemerito, que põe sempre a sua intelligente vontade e o seu dedicado esforço ao serviço de tudo quanto julga util e conveniente ao paiz; a Anselmo de Souza, um verdadeiro carola, que passa a vida a pensar unicamente no desenvolvimento do tiro; e a Eduardo de Noronha que trabalha extraordinariamente no interesse da instituição.

Entende, pois, que o tiro de per si é bastante para justificar o acto do governo.

Agradecemos, penhoradissimos, as referencias do illustre ministro da guerra ao director d'esta revista, e agradecemos-las, igualmente, pelos nossos collegas os srs. dr. Cunha Bellem e Eduardo de Noronha a quem ellas bem cabem. As palavras do nobre ministro são para nós sobejá paga dos nossos esforços, e, incentivo para não abandonarmos o caminho que vimos trilhando ha oito annos.

Se bem que a El-Rei devemos iniquivocas provas de protecção e patriótico acolhimento, e a outros titulares da pasta da guerra; o Tiro Nacional deve attentões é preciso, porem, dizer bem alto que os serviços que o actual ministro da guerra tem prestado ao Tiro Nacional é que o tem elevado ao que elle hoje é; quem lér a collecção d'esta revista encontrará a confirmação do que aqui dizemos nos registos que vimos fazendo, ha sete annos, de tudo o que se tem passado em o nosso paiz sobre tão momentoso assumpto.

O Tiro Nacional, mais do que a ninguem, deve-se ao sr. conselheiro Pimentel Pinto. O seu regulamento de 18 de agosto de 1893, modificando o de 1890; a protecção ás sociedades de tiro quando ellas eram combatidas e calumniadas por todos

e a todos causavam receios e calafrios, e, emfim, a ultima lei do recrutamento ahi estão a attestar, sem contestação, o que affirmamos. Hoje, o apoio que encontramos na Direcção Geral dos Serviços de Infantaria ainda confirma mais o que dizemos.

Se por parte de muitos individuos tem havido verdadeiras dedicações e boa vontade, que valeriam ellas sem o apoio do illustre ministro?

Repetimos, os nossos agradecimentos mais sinceros áquelle, a quem de facto, se deve o Tiro Nacional, e para o qual nós só temos tido a honra de ser o mais modesto de todos os cooperadores d'essa obra altamente patriótica.

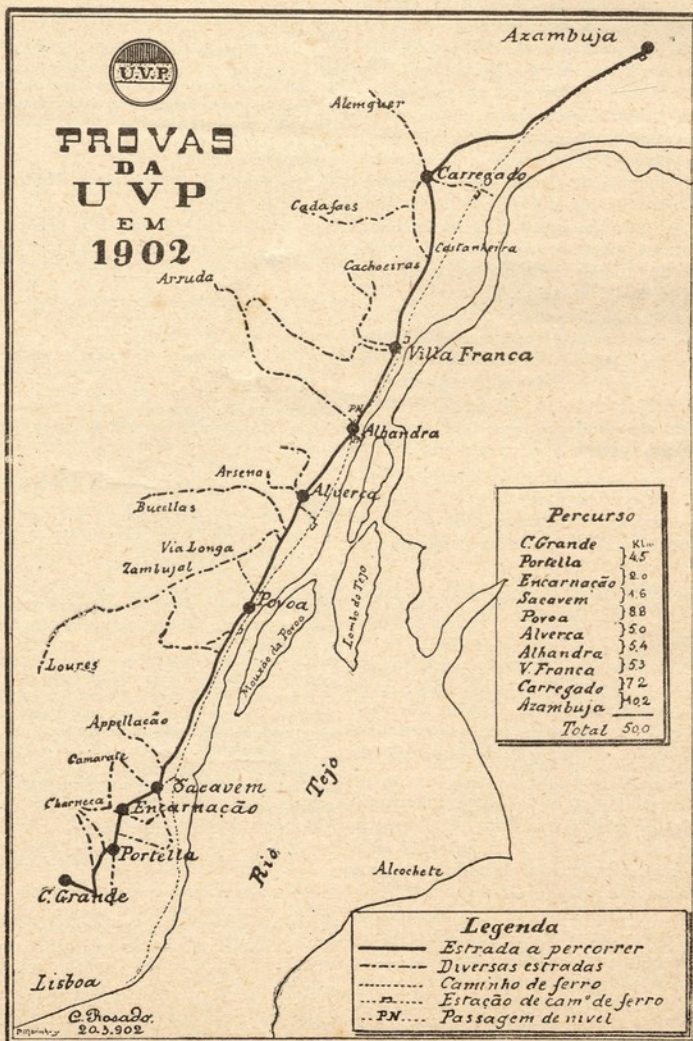
O TIRO NACIONAL

IV

(Continuado do n.º 231)

Nomeado ministro da guerra o general Pelloux e vendo que a instituição do tiro ao alvo nacional não dava os resultados que esperava, encontrou o momento oportuno de a militarizar completamente e fazer d'ella, a collaboradora immediata do exercito. Foi, pois, confiado, unicamente, á auctoridade militar o tiro nacional, que este deu melhores resultados, havendo, porém, ainda muito a fazer.

Duas eram as principaes causas da falta de vitalidade da instituição: o reduzido



Mappa do percurso, em estrada, das provas de 50 e 100 kilometros, Lisboa - Azambuja - Lisboa

numero dos inscriptos nas listas dos atiradores, e o estado de finanças das communas que lhe não permitia cooperar effizamente na obra emprehendida.

Para remediar estes inconvenientes o general Pelloux não hesitou em recorrer a medidas que elle julgou extremas, e propoz, principalmente, obrigar as provincias e as communas a tomar a seu cargo os gastos do funcionamento das sociedades de tiro. As taxas pessoais eram supprimidas e o Estado assumia, a responsabilidade da construcção e conservacção das carreiras de tiro.

Por outro lado eram obrigados a fazerem-se inscrever nas listas das sociedades de tiro, os estudantes, os mancebos que aspiravam a alguma dispensa prevista pela lei de recrutamento, e finalmente os militares licenciados que desejassem ser dispensados dos periodos d'exercicio.

A lei elaborada pelo general Pelloux não foi votada.

Notando se os defeitos da instituição e das difficuldades que impediam o seu desenvolvimento, o parlamento julgou não dever adoptar a solução radical proposta pelo ministerio da guerra, recuando deante do principio da inscripção obrigatoria, não pelas razões d'interese geral, mas, por interesses puramente pessoais e eleitoraes, ficando assim prejudicada uma das melhores instituições nacionaes para servir uma politica de patronato e de escandalo.

Desde 1892, um amigo da instituição, o sr. Silvero Lemmi, apontou em um folheto todas as difficuldades, sempre crescentes, taes como o numero cada vez mais restricto de inscriptores, e a pouca assiduidade em frequentarem as carreiras. Notou igualmente as demissões successivas dos socios que a custo eram compensadas por novss admissões.

Em presença d'este estado de cousas e sob a influencia de Crispi, então presidente do conselho, um decreto de 21 de abril de 1895, indo de encontro á lei de 1892, fez voltar o tiro ao alvo nacional ao ministerio do interior, indo cair-se, outra vez, nos erros da lei de 1882.

Esta medida fez nascer ainda violentas discussões e Crispi pensou em pôr-lhe fim por um projecto de lei que, mantendo as disposições do precedendo decreto, e influenciando-se no do general Pelloux, estabelecesse uma reforma que esperava ver ser approvado pelo parlamento.

Impunha ao Estado o encargo de organizar as carreiras de tiro, e ás provincias e communas as despezas do seu funcionamento quando as taxas pessoais fossem insuficientes.

O projecto de lei Crispi teve a mesma sorte que o de Pelloux: Foi rejeitado no parlamento!

Todas estas hesitações se transformaram, em 1896, por uma nova orientação. A 19 d'abril, os decretos de Crispi, do anno precedente, foram derogados e o tiro ao alvo nacional voltou para o ministerio da guerra.

Desde então a lei de 1892 foi regulamentada de uma outra forma e completada por um decreto de 2 de julho de 1898 que definia, com mais nitidez ainda, a parte militar da instrucção. Os inspectores provinciales e os directores de tiro, tirados dos quadros do exercito, seriam os agentes directos das autorididades superior junto dos directores provinciales e das presidencias locais. Estas novas disposições foram bem acolhidas pelo publico e pela imprensa.

Não termina aqui o empreendimento para melhorar esta instituição, nem tão

pouco terminavam as censuras e os defeitos encontrados.

O relatório de Marazzi, sobre o tiro ao alvo nacional, referente ao anno e exercicio findo de 1900 a 1901, é ainda muito pessimista. Elle diz-nos que a existencia do tiro nacional, na Italia, é puramente ficticia e que a nação deve ficar convencida de que esta instituição não satisfaz senão muito mal ao fim para que foi creada.

(Continua)

R. A.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

Instrucções para uso do alvo electrico

1.^a — O alvo e o respectivo material movel são propriedade da «União dos Atiradores Civis Portuguezes», a cargo da qual estão as suas reparações e conservacção.

2.^a — Alem dos socios da União e dos officiaes do exercito, nenhum outro individuo poderá utilizar o alvo, sem que para tal fim apresente senha passada pela União.

3.^a — As senhas fornecidas pela União aos atiradores civis extranhos a ella, representarão series de 10 tiros e ser-lhes-hão fornecidas pela União, mediante a indemnisação que ella julgar conveniente.

4.^a — Nenhuma serie de 10 tiros pode começar para os atiradores civis extranhos á União, sen que seja entregue a senha respectiva. As senhas recebidas ficam á disposição da União até ao domingo immediato aos exercicios.

5.^a — Os atiradores civis munidos de senhas, são, durante os seus exercicios, considerados para todos os effeitos socios da União.

6.^a — Os exercicios tem logar aos domingos das 2 ás 3 1/2 da tarde, podendo esta hora ser alterada por circumstancias imprevistas que serão sempre da exclusiva apreciação do director da carreira.

7.^a — O director, resalvando a disposição 2.^a, continúa a manter sempre e absolutamente sobre os exercicios de tiro ao alvo electrico, a mesma auctoridade que lhe é conferida nos exercicios aos alvos ordinarios, conservando-se por isso para todas as linhas o mesmo regulamento e praxes em vigor.

Direcção Geral dos Serviços d'Infanteria, 17 de março de 1902.

O chefe do estado maior

Joaquim José da Silva Monteiro, coronel.

Commissão executiva

ACTA N.º 75

Sessão em 21 de março de 1902

A's 8 horas da noute, na redacção d'O Tiro Civil, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, presidente, Correia Pinheiro, Vieira da Silva, Pedro Ferreira e o secretario abaixo assignado, foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Foi lida a correspondencia, resolvendo-se sobre a forma de lhe dar expediente.

Foi lançado em acta um voto de profundo sentimento, pelo fallecimento do prestante consocio Gil Vasques da Cunha Portocarrero, declarando o sr. presidente, que acompanhado pelo secretario representara a União, no seu funeral.

Em vista das instrucções recebidas da Direcção Geral dos Serviços d'Infanteria, para exercicios no alvo electrico *Cheallier*, resolveu se fixar em 100 réis o preço de cada senha, para os atiradores não socios da União.

Foi readmittido soeio ordinario o sr. Pedro Agostinho de Vasconcellos.

Não havendo mais assumptos a tratar, encerrou-se a sessão ás 10 horas da noute.

ACTA N.º 76

Sessão em 26 de março de 1902

A's 8 horas da noute, na redacção d'O Tiro Civil, estando presentes os srs.: presidente, Anselmo de Sousa, vogaes, Pedro Ferreira e Correia Pinheiro, e o secretario abaixo assignado, foi aberta a sessão. Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O sr. presidente communicou ter recebido a visita do sr. tenente de infantaria Luiz Augusto de Pina Guimarães, director que foi da carreira do tiro de Loanda, ultimamente chegado d'essa localidade, e que este lhe entregara a corres-

pondencia que entregou á commissão; disse mais que hoje tinha ido cumprimental-o ao hotel em nome da União.

Foi lida a correspondencia, á qual se resolveu dar o devido expediente.

Foi readmittido soeio o sr. Guilherme Telles de Menezes, e admittido o sr. José Carlos Xavier d'Almeida.

Não havendo mais assumptos a tratar, encerrou-se a sessão ás 9 horas e meia da noute.

O secretario

Eduardo de Noronha

Balancetes mensaes

FEVEREIRO

Receita:	
Saldo de janeiro.....	185\$301
Quotas: sua cobrança.....	45\$600
	<u>230\$901</u>

Despeza:	
Bonus de tiro aos socios: 51	
minutas.....	2\$550
O Tiro Civil: 50 assignaturas, 3 mezes.....	15\$000
Expediente: 25 copias de uma circular.....	1\$250
Ordenados: importancia paga n'este mez.....	48\$105
Instrucção: cartuchos pagos; 6 a 20 réis.....	\$120
Premios: importancia paga.....	5\$000
Despezas miudadas durante o mez.....	5\$540
Saldo que passa a março...	<u>153\$336</u>
	<u>230\$901</u>

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1902.

O THEZOUREIRO

Antonio Correia Pinheiro

INSTRUCCAO DE ALUMNOS

TORNEIOS DE FREQUENCIA E APLICACAO

1.º torneio em 9 de março de 1902

2.º Grupo, classificacão, alvo normal quadrado 1/2 a 200^m

Classific.º	Nomes	Percentag.
1	Manuel Antonio Loureiro.....	90.9
2	Joaquim Nunes.....	70
3	Antonio Silveira Ferreira Sarmento.....	62.9
4	Balbino Augusto Esteves.....	62.6
5	Alfredo Andrade Mascarenhas.....	49.6
6	Alberto Cardoso Freire.....	41.9
7	C. P. Madrugada de Souza Bastos.....	39
8	Segismundo Mauricio.....	34.2
9	Alberto B. Magno da Silva.....	33.5
10	Gastão L. Nogueira de Souza.....	29.3

O 1.º alumno foi premiado com o premio pecuniario de 2\$500 réis. E' alumno da *Escola Industrial Marquez de Pombal*.

2.º torneio em 9 de março de 1902

2.º Grupo, classificacão, alvo normal quadrado 3/4 a 300^m

Classific.º	Nomes	Percentag.
1	Francisco Baptista Esteveiro.....	89.4
2	Emilio Gonçalves Candeira.....	87.1
3	Joaquim Gomes Duarte.....	84.4
4	Antonio Vivaldo.....	79.2
5	Augusto F. de Souza e Almeida.....	77.7
6	José A. Galvão de Magalhães.....	75.1
7	Mannel Antonio d'Oliveira.....	73
8	Modesto Alfredo Cascaes.....	72.2
9	Alexandre de Sá da Bandeira.....	70.2
10	Julio das Neves Silva.....	67
11	Acrieio Cannas Mendes.....	64.8
12	Carlos Alves de Carvalho.....	64.4
13	José de Lima Junior.....	63.4
14	Augusto da Silva.....	62.9
15	João N. Cardoso d'Oliveira.....	60.8
16	Francisco Soares.....	60.3
17	Arthur da Conceição e Silva.....	59.6
18	João da Silva Carreira.....	58.4
19	Alvaro Canongia.....	55.8
20	Mario de Noronha.....	50.2
21	Eduardo N. F. Tavares Galvão.....	46.6
22	José Ferreira de Souza.....	43.3

O 1.º alumno obteve o premio de 2\$500 réis, é alumno da *Escola Industrial Marquez de Pombal*. O 2.º alumno obteve o premio de 1\$500 réis, é alumno do *Atheneu Commercial de Lisboa*.

Carreira de tiro em Paredouços, 9 de março de 1902.

O SECRETARIO

Eduardo de Noronha.

ARTES & LETRAS

HISTORIA

O EXERCITO E A PATRIA

XXVIII

Monção

Um quadro do illustre pintor Detaille emocionou vivamente a alma patriótica dos francezes; intitula-se a *Rendição de Huningue*.

O exercito austriaco e o seu general saudam com profundo respeito a guarnição que sae da praça com todas as honras da guerra; o vencedor é um archiduque e está á frente de vinte e cinco mil homens. N'um impulso entusiastico avança a abraçar o vencido.

Quem são os homens que na vespera ainda haviam recusado render-se, que durante um mez tinham resistido áquelle formidavel exercito? E' o general Barbanègre e uma pequena phalange de miseraveis, feridos, doentes, envoltos em farrapos, de lividez cadaverica, mas em cujos olhos brilha a chamma ardente d'uma energia indomavel, corpos abatidos por sobre-humanas fadigas, pela fome, mas cujas cabeças, orgulhosamente erectas ainda desafiavam o inimigo.

Tal devia ser o aspecto dos defensores de Monção quando no dia 7 de fevereiro de 1659, sahiam da praça, toda em ruínas, bandeiras desenroladas, os tambores rufando, armas no braço, levando uma peça d'artilharia e, na rectaguarda, as bagagens e as macas dos feridos. Eram dusentos e trinta e seis homens que o general hespanhol, marquez de Vianna, apontava cheio de admiração aos seus soldados como modelos de brio e de valor.

Commandava Lourenço d'Amorim Pereira a praça cercada d'um muro de cantaria, mal flanqueado d'alguns distantes cubellos. Uma parte do muro tinha barbacá, o arrabalde do lado do rio estava fortificado com uma trincheira de pedra e fachina. Do lado do campo dois imperfeitos baluartes, alguns reductos. N'uma eminencia exterior, a defender a fonte da agua, uma tenalha, e ao abrigo d'estas rudimentares fortificações, seiscentos homens d'armas.

Começou o cerco a 7 d'outubro de 1658, a 21 recebeu a praça o reforço de tresentos e cincoenta infantes, trinta barris de polvora, oito cunhetes de balas e deseseis quintaes de murrão. A 25 o exercito hespanhol, animado por algumas recentes victorias, dava um assalto que suppunha decisivo, mas teve de retirar com grandes perdas, tendo tambem os defensores cincoenta mortos e setenta feridos. Chegou-lhes ainda o soccorro de oitenta homens e algumas munições no principio do mez seguinte, mas d'ahi por diante só poderam contar com a sua heroicidade.

A campanha do Alemejo absorvia toda a attenção do governo, e o marquez de Vianna queria apoderar-se a todô o custo de Monção. Apertado o bloqueio, levantadas cinco baterias, que incessantemente bombardeavam a praça, os sitiantes empregavam tambem as minas; as fortificações abriam brechas por todos os lados, mas, ao assaltal-as, os inimigos encontravam sempre uma muralha viva defendendo-as.

As balas diminuam diariamente a guarnição. Ajudavam os habitantes a defesa e as mulheres, na frente, acudiam aos feridos, aprestavam munições, formando as mais resolutas um pequeno corpo que ia guar-

necer pontos arriscados, onde algumas perderam heroicamente a vida.

Durante quatro mezos, sem esperanza alguma de soccorro, Monção luctou contra todas as miserias. Numerosissimos os doentes e a fome tão apertada que alguns desvairados chegaram a cannibalescas tentativas, as forças exaustas, as fortificações em ruínas estavam, no fim d'este tempo, á mercê do inimigo.

No dia 1 de fevereiro, callada a artilharia da praça por falta de munições, resolveram os hespanhoes acabar com a resistencia por meio d'um rijo assalto aos dismantelados muros, e ao abrigo das suas baterias lhe arrumaram tranquillamente as escadas, mas, ao subil-as, encontraram a furia sublime dos defensores que, na falta de munições, em azeite fervente, traves ardendo, pedregulhos enormes, achavam desesperados meios de defesa.

Fugiram os primeiros assaltantes, abandonando as escadas, apavorados do espantoso ataque; de cima do muro homens e mulheres lhes bradavam que voltassem, pois continuariam a ser bem recebidos.

Uma chuva miuda de balas vinha do campo inimigo, mas, na exaltação d'uma heroica loucura, ninguem arredava pé.

Nas trincheiras as sentinellas disputaram a vida até cahirem todas, e depois de encarniçadissimo combate, pelos muros desfeitos, sobre uma guarnição de cadaveres, entraram os soldados do marquez de Vianna em Monção. Não cessou porém aqui a lucta, continuou pelas ruas, defenderam-se nas casas, e os doentes do hospital levantaram-se exalando o ultimo suspiro com as armas na mão, pelejando.

No castello o resto da guarnição assombrava o inimigo que d'uma trincheira proxima lhe alluia a grossos tiros a muralha. Por detraz das brechas levantavam os sitios barricadas, para as minas abriam contraminas, dispostos a resistir desesperadamente.

O vencedor, que poderia esmagal-os até ao ultimo sob as muralhas derruidas, sentiu generosa compaixão por tanta heroicidade e mandou propôr a Lourenço d'Amorim a mais honrosa das capitulações, que n'uma embriaguez d'heroismo muitos recusavam a aceitar. O governador pensando, porém, que dos soldados da guarnição e de mil e quatrocentos moradores que tinham pegado em armas, só restavam pouco mais de duzentos, que não havia esperanza al guma de soccorro, entendeu que devia conservar a vida ao restante dos seus heroes, e acceptou a capitulação offerecida.

Tão desfallecidos que pareciam moribundos sahiam da praça, os defensores de Monção, e os soldados do marquez de Vianna, vendo-os, custava-lhes a crer serem aquellos os homens que com elles, havia pouco ainda, sustentavam uma home rica lucta.

A admiração exaltou a generosidade do vencedor, que lhes prestou todas as honras, e permittiu que durante um mez, não só os officiaes e soldados, mas todos os intrepidos habitantes de Monção podessem tranquillamente retirar da praça os seus haveres.

RIBEIRO ARTHUR.

Os papeis de meu pae

(Continuado do n.º 231)

EXPEDIÇÃO A' BAHIA

(1823)

«Reuni-me ao batalhão no dia 6 de janeiro de 1823, em Aldéa Gallega, pelas 7 horas da noite; no dia immediato embar-

quei, com o batalhão, para bordo do navio *Harmonia*, para onde foram as 4 companhias do centro commandadas pelo major.

Conservamo-nos a bordo, defronte do Terreiro do Paço até ao dia 12, dia em que o navio foi para a Junqueira. Eu fui encarregado do rancho, e por isso fiquei quasi sempre em terra.

No dia 15 de Fevereiro fizemo-nos de vela pelas 2 horas da tarde. N'esse mesmo dia saimos a barra. Na viagem, enjoei desde o primeiro dia até ao dia 21, dia em que me comecei a levantar e a achar melhor.

No dia 30 de Março, ao amanhecer, avistámos pela prôa um brigue-escuna, com bandeira portugueza; e pela pôpa quatro vasos grandes, os quacs nos seguiram todo o dia 30; sabiamos ser a esquadra da Bahia. O brigue, depois de ir fallar á fragata, dirigiu-se á esquadra; donde concluimos ser essa nossa. A's Ave-Marias fez-se signal para toda a noute seguirmos com a gata atravessada, ao que logo disse que ao amanhecer teriamos terra. Com effeito, ao amanhecer achamos com a esquadra proxima de nós, composta da náu *D. João VI*, a fragata *Constituição*, as corvetas: *Calypto* e *Regeneração*; os chefes cumprimentaram-se, e passada meia hora via-se terra por estibordo, quando era meio dia.

Já se divisava toda a costa; e ás 5 horas entrámos a terra, fundeando já noute (no dia 31 de Março de 1823).

Observámos que do nosso lado esquerdo se illuminava uma ilha chamada de Itaparica; o que nos fez persuadir que era terreno occupado por tropas nossas; porém, geral foi a nossa admiração, vendo que passado pouco tempo a illuminação se apagava, e que na cidade continuava.

Vieram a bordo o tenente Gama, e o capitão graduado Feio, de infantaria 12. Ambos estavam a partir para Lisboa em consequencia de molestia. Estes nos aclararam as idéas confusas que tinhamos sobre aquella ilha; a qual era occupada pelos inimigos. Disseram-nos igualmente que algum fogo que se ouvia era nos postos. No dia immediato pelas 9 horas começámos a entrar para ridiculas lanchas, e quando eram 10 para as 11 horas desembarcavamos na Praça de Commercio — aonde *diziam* haver refrescos, pois nenhum dos officiaes do meu batalhão os provaram. Achava-se muita gente na dita praça, e só o general e officiaes de milicias porque tudo o mais se achava nos postos. Fomos recebidos com muito entusiasmo da gente que ali se achava.

O general, depois de receber á continencia do meu batalhão, ordenou ao tenente coronel, que marchasse com elle para cima, o que se fez até ao largo do Collegio. D'ali foram-se vér os quartéis e receber os boletos. O meu foi, com o tenente Silva, para a ruada Larangeira, em casa de um brasileiro chamado Manuel Duarte, homem que nem luz nos dava; dizia elle, que por não a ter!

Logo nesse dia nos certificaram da retirada do Labatud para 2 legoas, e nos disseram, que ao vér a nossa esquadra, julgara ser a do Rio, e bebera uma garrafa de vinho; e que, por isso, em Itaparica, pensando o mesmo, haviam posto luminarias. Porém tanta alegria teve quando pensou ser a esquadra do Rio, como desesperação quando viu ser a de Portugal.

A tropa retirou se dos postos, e só se conservaram os piquetes.

No dia 5 tiveram revista os corpos de caçadores, e no dia 6 os de infantaria. Pouco depois começou o batalhão a dar piquetes.

No dia 3 de Maio, dia em que estava para marchar para o Barbalho, e em que, para outros postos, iam alguns corpos, começou o fogo, vindo os inimigos atacar até as baterias; porém, á chegada das nossas forças, retiraram, sendo, segundo nos disseram, a perda d'elles de 200 a 300 homens, entre mortos e feridos. A nossa foi de 24; sendo mortos: 4 no campo e 2 no hospital.

No dia 24 de Maio congregou-se um conselho militar, onde todos os officiaes commandantes de corpos deram o seu parecer, por escripto, sobre o que se devia fazer nas circumstancias em que nos achavamos de não haver que comer. O voto geral foi de nos retirarmos com escala por algum porto, afim de fazermos mantimentos. Ordenou-se immediatamente a todos os navios para se apromptarem. Neste tempo, andava a esquadra toda fóra, e esperando por ella se estava para se effectuar a resolução do conselho, quando no entanto, entravam de Lisboa, a corveta *Heroína* e a charrua *Conde de Peniche* que nos detiveram ainda depois da esquadra entrar; vindo, além disto, 4 sumacas com farinha de páu, e um brigue com 1600 barricas de farinha de trigo.

No dia 3 de Junho tentaram os inimigos novos ataques; foram tocados da mesma maneira, sendo da primeira vez o ataque no Laranjal, Cruz de Cosme, e Joaquim d'Oliveira; e da segunda no forte de S. Pedro, persuadidos, de que esta zamos a embarcar.

No dia 7 de Junho, congregou-se de novo o conselho militar, em que o general propoz, se se devia atacar ou não. Decidiu-se, que não; e vistas as circumstancias actuaes de não haver dinheiro para comprar mantimentos, nem mantimentos, decidiu-se mais que se mettessem, a bordo dos navios, rações para 60 dias por cada praça, e que, comido o resto, se o governo não apromptasse mais mantimentos, embarcassemos para Portugal.

No dia 20 congregou-se afinal outro conselho, onde se decidiu que immediatamente se embarcasse, e que toda a demora era perigosa. Durou este conselho desde as 10 da manhã até ás 11 da noute. Ali o capitão de engenheiros Costa apresentou um plano de embarque, como quartel mestre general. Mario Leão apresentou um plano de ataque sobre a ilha Itaparica, para se vêr, se havia mantimentos, mas este plano foi inteiramente refutado, pois não estavam em circumstancias de ir vêr se os havia, mas sim de os ir buscar aonde os houvesse com certeza.

Desde este dia tomaram-se todas as medidas para o embarque, mettendo-se os mantimentos a bordo nos dias 24 e 25, e destinando os navios.

No dia 29 de junho marchou o meu batalhão para o campo do Barbalho afim de render o batalhão de infantaria 4 que lá se achava. A esse tempo já todos os corpos tinham as suas bagagens a bordo. As do batalhão foram no dia 27; destinando-se os navios da maneira seguinte: 80 homens para bordo da fragata *Perola*, 35 para a corveta *Activa*, 30 para a sumaca *Conceição*, e o resto a bordo do navio *Conde de Cavalleiros*.

No dia 1 de Julho, estando eu de piquete, pelo meio dia vieram-me render soldados da 1.ª e 6.ª companhias para irem immediatamente para bordo da fragata *Perola*. Pelas 10 horas da noute chegou ao campo do Barbalho o batalhão de infantaria n.º 4, espalhando-se que os inimigos tentariam atacar aquella noute. Tive por isso ordem de redobrar de vigi-

lancia. Não se deu o ataque, e, pelas 10 e meia manhã do dia 2, veio o ajudante participar-me, da parte do tenente-coronel, para que fizesse retirar o piquete de Loures, e todos os postos avançados, pois o batalhão ia embarcar, e que sendo 5 horas me dirigisse á Praça do Commercio para esse fim. Cumprí a ordem, indo todo o meu piquete com o do João Pereira. Chegado que fui, porém, á Praça do Commercio não encontrei um só soldado do batalhão, pois já tinha embarcado o tenente-coronel com a 3.ª e 4.ª companhias para bordo do navio *Conde de Cavalleiros*, e a 2.ª e 5.ª tinham ido vêr se podiam embarcar á Ribeira, onde se achavam ainda no caes, por embarcar tambem, o batalhão n.º 3 de infantaria e os dois da Legião. Já se ouviam os foguetes dos inimigos que entravam na cidade, e ainda, á falta de lanchas, se achava parte das forças por embarcar, quando chegou o Alvarenga que conduziu umas ao *Conde de Cavalleiros*, e a 5.ª á corveta *Activa*, e 30 homens da 2.ª á sumaca *Conceição*, levados por um escaler da náu.

Indo eu para bordo ouviam se já, a mais dos foguetes, os sinos a repicar, e vi tro-



João Cypriano Batalha

Societário da empresa Batalha & C.ª, exploradora da praça de touros do Campo Pequeno

pas que vinham render a guarda da Ribeira.

Depois de tudo a bordo, levantámos ferro sendo 2 horas da tarde, e fizemos de vela, tendo estado até então a náu inimiga fundeada na barra, e mais outros navios inimigos, fazendo-se de vela logo que nós começamos a levantar ferro.

No dia 5, estando ainda com terra á vista, vimos a náu pela parte de terra e a nossa a sotavento. Foi então que a vi quasi rodeada pela nossa náu e pelas duas fragatas que lhe deram caça e a não poderam apanhar pela sua maior velocidade. Entretanto o comboio fez força de vela, de maneira que, pelas 4 horas da tarde, já quasi se não via. No dia immediato (3) appareceu-nos outra vez a náu e nos entreteve fazendo arribar á esquadra, o que fez perdessemos de vista o comboio, tendo nós carregado a sotavento e o comboio seguido o seu anterior rumo.

No dia 7 avistou-se o navio *gran Pará* com o mastro da gata em baixo e os outros igualmente desarvorados. Passadas poucas horas appareceu o navio *Phenix* em peor estado ainda, e assim fomos obrigados a demorar-nos afim de se poderem remediar estes males.

Appareceram igualmente o brigue *Ligeiro* e o navio *Canoa*, ambos fugindo do inimigo. Soubémos que a náu inimiga, tendo-nos deixado, se approximara, com a corveta *Maria da Gloria* e outros vasos da sua esquadra, do nosso comboio; e

começando a fazer-lhe signaes do nosso regulamento, persuadiu aos navios mercantes ser a nossa náu. Approximando-se assim, ao anoitecer deitou gente em escaleres que abordaram o navio *gran Pará*, roubando o armamento e muchilas, e depois o mais que puderam; picando-lhe depois os mastros e fazendo o mesmo ao navio *Phenix*. Ao reconhecerem não ser a nossa náu, procuraram os outros fugir, indo a náu, no seguimento de 13 navios nossos. Foi então que a *Canoa* e a *Ligeira* puderam escapar sem prejuizo. No dia 8, ao pôr do sol, avistou-se um navio pela pôpa, o qual de noute, approximando-se da nossa esquadra, atirou uma banda ao *S. Gualter*, que vinha na rectangular, safando-se depois.

No dia 9 avistou-se uma galera e um brigue, aos quaes a fragata *Perola* deu caça, apanhando a galera, que reconheceu ser a *Flor do Tejo* e que fez voltar para a nossa esquadra, não lhe tendo sido possível apanhar o brigue, que era igualmente nosso, e que vindo com muita riqueza, fóra, com a *Flor do Tejo*, apreado pelo inimigo. A *Flor do Tejo*, onde ia infantaria 4, a que tiraram o armamento e a bandeira, deixando as bagagens aos officiaes, arrombaram o tonelame, e deitaram os mantimentos ao mar deixando só os precisos para 5 dias.

Metteram guarnição no brigue com o qual comboiaram a galera.

Disseram haverem já apanhado outros navios e que tudo ia para Pernambuco.

(Continua)

E. MONTUFAR BARREIROS.

EDUCAÇÃO PHYSICA

ESCOLA NACIONAL DE NATAÇÃO

Apezar dos mil obstaculos com que uma empreza d'esta ordem lucha, continuam activamente os trabalhos para a organização d'esta tão util instituição, que reune ao mais agradável de todos os exercicios, —a natação—, a incontestavel utilidade, não só para n'um momento de perigo, lutar com energia e vantagem pela propria vida, como pela alheia.

Hoje que tanto se fala no desenvolvimento physico e na lucha contra esse terrivel inimigo da humanidade a—tuberculose—os exercicios d'entro d'agua, são tudo quanto ha de mais util e salutar.

Torna-se necessario e urgente, combater esse inveterado costume de collocar adultos e creanças de molho. Isto é, mettel-os dentro d'agua, sem movimento, sem acção alguma, entorpecendo-lhe os musculos e esfriando-lhe as carnes, sem vantagem alguma, antes com grave prejuizo e risco.

Acabe-se por uma vez com esse prejudicial habito.

Dentro d'agua não se deve estar parado, é um perigo, e a natação evita-o, por isso nada mais util que saber nadar.

D'aqui fazemos um appello aos paes, para que se inscrevam em a nossa escola, para que seus filhos, com economia e absoluta segurança, aprendem a nadar, o que conseguem em muito pouco tempo, podendo já este anno, saber esse salutar exercicio, pela temporada dos banhos.

A aprendizagem em secco, começa este mez, e, d'aqui até julho ou agosto, em que comecem os exercicios na agua, tem tempo de se adestrar muitas creanças e adultos.

Pedimos, a quem estes conselhos não forem indifferentes, que se dirijam á nossa

redacção, onde lhe serão facultados todos os esclarecimentos, para começarem desde já com os exercicios de natação.

R. G. C. P.

No dia 18 do mez findo completou o seu 27.º anniversario o *Real Gymnasio Club Portuguez*, a instituição particular que, incontestavelmente, mais serviços tem prestado á educação physica e, por conseguinte ao paiz, mas, tambem incontestavelmente até hoje, sempre esquecida pelos poderes publicos.

Em 18 de março de 1875 n'um velho casarão na Carreirinha do Socorro, reuniram-se o nosso saudoso e fallecido amigo Augusto Ferreira, Luiz Maria da Costa Monteiro, Eugenio Ribeiro da Silva, Francisco Sommer, Bouharth, João Antonio Rego Freitas, Emilio Dias, Joseph Syder, Henrique Lassi, T. Romero y Robles, José V. da Gama Lobo e outros, que depois de varios alvites resolverem fundar a sociedade que hoje está installada na rua Serpa Pinto, n.º 4.

Dos fundadores que ainda hoje fazem parte do R. G. C. P. ha um que o tem sempre acompanhado, como um bom pae acompanha sempre o filho querido, é o nosso amigo Luiz Monteiro, que tem dedicado a essa instituição o melhor d'esses 27 annos; por isso a direcção actual, sempre sollicita e gentil quiz comemorar essa data. Terminada a classe infantil de gymnastica sueca de meninas, tão desinteressadamente dirigida pelo habil clinico dr. Jorge dos Santos, a direcção convidou todos os assistentes que se achavam nas salas do club, senhoras, socios, alumnas e professores, a virem ao seu gabinete tomar uma taça de champagne, e dedicou essa tão singela e captivante lembrança, como demonstração de apreço, ao sr. Luiz Monteiro. Foi o que se chama uma festa de familia.

Entre os socios presentes estavam alguns dos que mais dedicacão e trabalho teem tido pela bella instituição; lembramo-nos ter visto os srs.: Luiz Monteiro, Avellar Telles, Carlos Xafredo, Alvaro de Lacerda, Arthur Pessoa, Alberto Macieira, Luiz Fernandes, Ribeiro da Silva, Teixeira, Ramos da Bosta, Correia Pinho, Antonio Diogo da Silva, Walter Awata, João-Roubaud, Arthur dos Santos, Senna Pereira, Raul Lacerda, Ruy Alves da Cunha, Horacio Costa, João Cannas, Sá da Bandeira, Anselmo de Souza e tantos outros cujos nomes ignoramos ou nos esquecem.

Fizeram-se muitos e calorosos brindes a: Luiz Monteiro, Club, direcção, imprensa, Arthur Pessoa, Awata, senhoras presentes, Carlos Xafredo, Francisco Xafredo, familia Xafredo, A. Macieira, L. Fernandes, Dr. Jorge Santos, professores, Ramos da Costa, A. Lacerda, Anselmo de Souza, etc.

O grupo das alumnas presentes fez um muito entusiastico brinde ao seu professor Awata, brinde que se transformou em ovacão, ouvindo-se muitos vivas e repetidas palmas ao nosso amigo; o sr. A. Lacerda foi, a pedido das alumnas, o interprete d'esse brinde.

Pouco depois da meia noute terminou esta tão intima festa, que em todos deixou a mais grata impressão. Pela primeira vez, a presença de muitas senhoras e meninas, n'esta festa, bem mostram a transformação porque o R. G. C. P. vem passando e as responsabilidades que hoje, — transformado em verdadeira instituição de educação physica, — lhe cabem, abandonando por completo as tradições de — club para recreio de rapazes.

D'aqui enviamos os nossos parabens á illustre e sympathica direcção que tanto em evidencie se põe pelos seus serviços e gentilezas.

AUTO VELOCIPEDIA

ECHOS DA QUINZENA

EXCURSIONISMO

No relatório dos actos da passada gerencia da U. V. P. apresentado ao congresso, referimos a necessidade e alta conveniencia da nossa federação cyclista animar e desenvolver o excursionismo entre nós. Hoje que a primavera se nos apresenta alegre e risonha, com os seus bellos dias luminosos e solarentos, occorre-nos insistir n'esse ponto que em nosso entender, é de uma grande importancia para o desenvolvimento do cyclismo e está perfeitamente na orbita da União.

E' certo que em Portugal não ha estradas — e ainda no passado numero o de-

monstrámos; consequentemente o gosto pelo excursionismo esmorece consideravelmente; mas é tambem certo que temos um paiz encantador, e as bellezas naturaes da nossa terra, os encantos da paisagem, podem, de certo modo, compensar os incommodos e os dissabores que as pessimas estradas nos acarretam.

Em França trata-se agora mesmo de animar poderosamente o *tourismo* reorganizando em novas bases, a respectiva commissão da União Velocipedica. Contudo na grande republica, o gosto pelas viagens é extraordinario; e as excursões que o *Touring Club*, a *Metropolitana* e outras associações organisam, mal chega o bom tempo, são variadas e constantes. Agora mesmo, nas ferias da Paschoa, o numero de excursionistas que sahiram de Paris e de toda a parte, para visitarem os pontos mais agradaveis e mais instructivos da França e dos paizes visinhos, é incalculavel. Grandes caravanas de *chauffers* e de *cyclistas*, n'uma ancia justificada de ver e de gosar, cruza n'este momento, em todas as direcções, a gloriosa terra gauleza.

No ultimo numero da revista do *Touring Club Italiano* que temos presente, vem um soberbo artigo — a que mais detidamente nos havemos de referir — mostrando quanto a velocipedia se tem desenvolvido em Italia, mercê do gosto pelo excursionismo, animado e desenvolvido por aquella poderosa associação que hoje conta 26.000 socios, e pela U. V. I.

Por que não hade a nossa União, e os clubs velocipedistas do paiz iniciar uma propaganda tenaz e forte para animar entre os *cyclistas* portuguezes o gosto pelas excursões que são tão agradaveis e tão uteis?

Entre nós o que se tem feito — tanto a União como os clubs — são passeios officias que é apenas um meio de confraternisação, mas sem vantagens educativas. Parecia-nos, pois, que, sem abandonar inteiramente os passeios, e bastava um cada anno, a União e os clubs deviam, pelas suas commissões respectivas, procurar organisar programmas de excursões, marcando o orçamento da despeza, os itinerarios, locais de *etapes*, preços de hoteis, e restaurants, emfim todas as indicações uteis; depois, sem responsabilidades materiaes nem moraes para a União ou para o club organisador, formar caravanas de *cyclistas* que fizessem a viagem.

E' assim que se faz e é assim que succede no estrangeiro.

Porque não havemos de fazer o mesmo, nós que temos tanta região linda que admirar, tantos monumentos a estudar?

Vamos, porque não organisa qualquer dos clubs de Lisboa, uma excursão ao Busaco, por exemplo, agora que a primavera se nos apresenta alegre e risonha com os seus bellos dias luminosos e solarentos? Que deliciosa excursão seria essa!

Nas Caldas da Rainha:

Magnificas sob todos os pontos de vista, as grandes festas que o Cyclo Club Caldense organisou em honra do Grupo Velocipedico Leiriense que, no dia 16, foi em visita official áquelle club que, não tendo ainda um anno de existencia, é já um dos mais florescentes e d'aquelles que mais trabalham para o desenvolvimento do *sport* que representa.

Preparará o C. C. uma recepção affectuosissima aos seus hospedes. Na vespera, isto é, no dia 18, na risonha estancia d'aguas, havia uma animação sensível; fallava-se por toda a parte nas festas cujo programma havia tido o condão de despertar o povo caldense da sua habitual apathia. Eduardo Mafra o sympathico e activo presidente da direcção do club, Jeronymo Ludovice, secretario, Angelo Marcellino Garcia, vice-presidente, rodeado pelos seus mais dedica-

dos consocios, andavam n'uma faina constante, vendo e examinando tudo para que nada faltasse; dos arredores da villa e até de muitos kilometros distante d'ella, vieram numerosos cabazes de flores que os nossos amigos Celestino e José Maria conseguiram trazer pela forma mais engenhosa; procuraram e pediram-se por toda a parte bellas colchas de damasco para ornamentar todas as janellas, á passagem do cortejo; José de Sousa, o artista de fina raça e caracter de fina eleição contribuiu com o seu talento e com a sua actividade, para o levantamento de dois arcos triumphaes que eram um encanto. A noite a azafama era enorme; aqui e acolá ouvia-se o martellar na confecção dos arcos e na erecção das hastes para as bandeiras; as musicas davam o ultimo ensaio do repertorio, e a direcção do club fazia os ultimos preparativos para a boa execução do programma. Entretanto o ceu torna-se ameaçador; grossas nuvens pardacentas encobriam o luar e punham uma nota triste e sobresaltava ainda os menos entusiastas. A noite passou-se quasi em claro; pela manhã ahi por volta das seis horas cahiu um violento aguaceiro. Foi uma desolação profunda. N'uma expectativa dolorosa aguardou-se a abertura do telegrapho, a vinda do primeiro telegramma que annunciaria se os leirienses tinham partido da formosa cidade de Liz, ou, se a chuva os havia obrigado a transferir o passeio.

A's 8 horas, emfim, chega o alnejado telegramma: Os leirienses vinham a caminho das Caldas. Ao mesmo tempo no ceu começam a apparecer rãs de um azul purissimo, por entre os quaes o sol espreita timidamente.

Viva Deus que temos bom tempo! A's 10 horas na praça Maria Pia, estavam reunidos uns trinta e tantos *cyclistas* incluindo n'este numero quatro senhoras. O dia tornara-se encantador.

Julio Paramos, photographo amator dos mais distinctos e um amigo dos mais dedicados, tira algumas photographias. E agora a caminho de Tornado onde todos darão o abraço de boas vindas aos leirienses.

O alegre cortejo é saudado com palmas. E' o principio da festa.

Em Tornado dispõem-se as machinas pela ordem porque depois se hão-de todos incorporar no cortejo; á frente um joven *cyclista* com a bandeira da U. V. P., depois as senhoras das Caldas e de Leiria, a seguir o G. V. L., os *cyclistas* de Lisboa e por ultimo o C. C. C.

Entretanto da igreja da aldeia o mulherio sahe da missa e vem formar grupo com os velocipedistas; chegam trens e cavalleiros. Ha uma animação extraordinaria, uma alegria communicativa.

Depois das 11 horas vem o segundo telegramma: os excursionistas, á sahida de Leiria tiveram de se recolher pelo espaço de duas horas, por causa da chuva. Mas não desanimaram. O telegramma era expedido d'Alcoçaba, onde estavam almoçando. Pela uma hora da tarde deviam chegar; o andamento não podia ser rapido por causa das senhoras.

Com effeito um pouco antes das 2 horas, ouvem-se foguetes ao longe; é o signal de que os leirienses vão chegar. A animação redobra, ha um aneio, um enthusiasmo em todas as almas. A multidão agglomera-se no alto da estrada, e pouco depois, lá em baixo, no valle, por entre a ramaria do arvoredor, começam a ver-se prepassar rapidamente os *cyclistas*, e logo da curva que a estrada ali forma, vem sahindo a alegre e vistosa caravana, que sobe lentamente a pequena encosta. O aspecto d'essa longa fila de *cyclistas*, trazendo á frente como guias gentis, duas formozas damas: as ex.^{mas} sr.^{as} D. Quiteria Korrodi e D. Hilda Cruz, era verdadeiramente encantador.

O C. C. C. recebe os seus hospedes entre palmas entusiasticas e vivas atoadores.

Feitas as apresentações devidas, trocados os cumprimentos e os abraços de sincera confraternisação, organisa-se o grande e extraordinario cortejo pela ordem que deixamos indicados e formado em duas filas: á frente, um joven unjonista com a pequena bandeira da União, depois as senhoras: D. Quiteria Korrodi, D. Hilda Cruz, D. Candida Carneiro, Bertha Callixto, D. Augusta Carneiro e D. Henriqueta Carneiro.

Seguem-se mais de cem *cyclistas* que desfilam alegremente pela deliciosa estrada de Tornado até Caldas, acompanhados por muitos trens e cavalleiros. A cada momento estrogem vivas e girandolas de foguetes. A' entrada da villa é um delirio; todas as janellas estão ornamentadas com ricas colgaduras e cheias de senhoras que deitam flores sobre os *cyclistas*.

As musicas, os foguetes e os vivas constantes, augmentam o enthusiasmo que se estende á multidão que abre alas compactas em todas as ruas. Na praça Maria Pia e na Avenida João Franco é difficil o transito e o enthusiasmo toca as raias do delirio.

O cortejo pára em frente da camara municip-

postura d'ovos para as criações, teem soffrido grande desbaste.

Hontem, uma *troupe* de caçadores de Portalegre, que não pôde já caçar no seu concelho, veio aqui, matando 17 peças.

A caçada continua hoje.

Arronches, 22.—C.—Os caçadores de Portalegre não puderam hontem continuar a caçar por causa da chuva. Vimos entre outros, os srs. Mendes, tenente-coronel reformado; Jeronymo Garçon, official do 22; Linhares e Casaca.

A caça n'este districto está prohibida desde o 1.º do mez corrente, excepto n'este concelho e no de Campo Maior, por licença do sr. governador civil, concedida até ao dia 31 de março.

Como até se esquecem os deveres de humanidade para com os pobres animaes, que estão na epoca da procreação! Quas creações novas sacrificadas e quantas posturas d'ovos estragadas!...

Talvez appareça amanhã alguém que permita a caça em todo o tempo *defez*, o exemplo está aberto.

O sr. administrador do concelho de Loures fez, e muito bem, expedir circulares aos regedores, para que estes façam capturar os individuos que cacem no periodo do *defez*. Se a ordem fôr cumprida não ha nada melhor, o peor são os exemplos... e os confrontos.

A matança nas pobres e inoffensivas avesinhas, á passarada meuda, essa continua; todos os dias estamos vendo os malditos passarinhos com as gaiolas cheias. E, ninguem se encommoda com isso.

Na quinta-feira santa vimos na Praça da Figueira, pendurado á porta d'um logar, um coelho bravo, morto. Quer-nos, porém, parecer que mais ninguem viu que o coelho era bravo.

CAÇADAS

No dia 16, El-Rei partiu para o Alemtejo, para as propriedades do rico proprietario e nosso estimavel assignante o sr. José Maria dos Santos, a fim de lazer uma caçada aos porcos bravos. El-Rei, porém, voltou sem ter tido occasião de fazer o gosto ao dedo. Um ou dois javalipes que apareceram foi fóra do alcance de tiro.

Na ultima batida aos jarvados, organizada pela *Commissão Venatoria* da A. P. C. T. D. para a qual os distinctos *sportsmen* partiram no dia 17 do mez findo, batida que se realizou nos coutos do Medronhal e da Gandara. No primeiro foi morto um javali de 6 annos pelo sr. visconde de Reguengos (Jorge) e um veado de 5 annos pelo sr. Francisco Pedro Barata. Os cães mataram um leitão, e um caçador da localidade, cujo nome ignoramos, outro javali.

No couto da Gandara, foram vistos alguns javalis a grande distancia. Foram mortos dois lyces, um pelo sr. José V. Gomes Carbozo e outro pelo sr. Francisco de Mello Cabral.

Nestas caçadas tomaram parte, entre outros, os srs.: visconde de Reguengos (Jorge), João Luiz da Veiga, Francisco Pedro Barata, Manuel Fragoso, Emilio Fragoso, Simão Luiz da Veiga, Joaquim do Nascimento Lobato Junior, Pedro Paulo de Carvalho, dr. Mattos Silva, Carlos F. Pinto Basto, Joaquim Vaz Monteiro, José Vaz Monteiro, Luiz Fausto Garcia de Carvalho, J. V. Gomes Cardoso e F. de Mello Cabral.

Os nossos parabens pelo resultado da batida. Não foi dos piores.

HYPPISMO

EQUITACÃO

Os trabalhos, no excellente picadeiro, do nosso amigo e distincto professor de equitação, o sr. João Gagliardi, tem tido ultimamente grande desenvolvimento.

Até ha pouco, as sessões nocturnas, eram só ás terças, quintas e sabbados para os socios do *Grupo Hyppico João Gagliardi*, agora, porém, o picadeiro funciona tambem ás segundas, quartas e sextas feiras, para os grupos de alumnos do notavel professor.

E' um bom symptomta que bem demonstra que, a bella e nobre arte da equitação, vae resurgindo, embora muito devagar, da apathia em que ha muito tem estado immersa, e é d'isso sobeja prova, o crescente numero de alumnos que Gagliardi hoje tem.

O enthusiasmo no G. H. J. G. é tambem notavel; este grupo tem continuado o jogo da rosa, argolinhas e evoluções a cavallo com muito interesse, ganhando proseliticos e desenvolvendo-se. Constanos, mesmo, que alguma cousa de novo se prepara, que grande surpresa causará aos amadores do *sport hippico*. Fazemos votos porque assim seja.

No sarau do R. C. V. P. em beneficio da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, realisado na noute de 23 do mez findo, no Colyseo dos Recreios, o nosso amigo Gagliardi mais uma vez apresentou o seu incomparavel alter real, o bello e intelligente *Lidador*, enthusiasmando o publico por tal forma, que obteve uma das mais estrondosas ovações a que temos assistido.

A correcção de todo o trabalho que o bello animal executou, apenas dirigido por uns delgados cordões de seda substituindo as redeas, e os magnificos tres saltos finaes, se bem mostraram o grau de ensino que o cavallo tem, tambem põem em evidencia o valor do distincto professor.

Gagliardi está amestrando um outro cavallo em alta escola. Vamos a vêr o que elle dá.

MOSAICO

AS NOSSAS GRAVURAS

Provas em estradas

Publicamos hoje a gravura da reproducção do mappa elaborado para as provas de 50 e 100 kilometros da U. V. P. pelo digno presidente da commissão de *sport* e nosso querido amigo sr. Claudio Rosado. O mappa é, como facilmente se vê, um bello trabalho, muito nitido e muito util para os cyclistas que tomarem parte nas referidas provas.

E' mais um serviço de alto valor que Claudio Rosado prestou á U. V. P. a que tem votado todo o seu talento e actividade.

João Cypriano Batalha

No dia 30 de março findo inaugurou-se no Campo Pequeno a epoca taoumarchica, com uma corrida esplendidamente organizada pela empresa Batalha & C.ª

Um dos socios d'esta firma, o sr. João Cypriano Batalha, fica hoje com o seu retrato incorporado na nossa galeria, onde já figuram tambem as photogravuras de outros vultos não menos importantes no nosso meio taoumarchico.

Quereriamos dar aqui juntamente as photogravuras dos outros dois sociarios da empresa, os srs. Luiz da Gama e Arthur Telles, para assim prestarmos uma justa homenagem a tão preciosos *aficionados*, mas teremos de adiar tal publicação em vista da absoluta falta de bons retratos dos mesmos senhores.

Por este facto é só o sr. Batalha quem hoje apresentamos aos nossos leitores, como um dos melhores amadores e tambem um dos mais strenuos defensores do toureiro classico e serio.

GUILHERME TELLES DE MENEZES

Está em Lisboa este nosso bom amigo, de regresso da ilha de Madeira, sua terra natal, para onde tinha partido em 1894, em busca de alivio aos seus padecimentos.

Telles de Menezes foi um dos que, a nosso convite, ajudou a organizar a primeira associação de tiro, a extincta A. A. C. P., o que elle

fez com a illustração, boa vontade e inimitavel energia que tanto o distingue.

D'aqui damos as boas vindas ao nosso bom e velho amigo, fazendo votos pelas suas prosperidades.

ROBERTO SCHIAPPA

Do Correio da Extremadura:

«Recebemos hontem a triste noticia de haver fallecido em Pernes, pelas 3 horas da madrugada, o nosso inolvidavel amigo sr. Roberto Augusto Schiappa Pietra, digno conductor de 2.ª classe do serviço de obras publicas e proprietario n'aquella localidade.

Tendo soffrido ha dois annos, com feliz exito, apesar da sua avançada idade, a operação da lithotricia, foi atacado ha um mez por uma pneumonia, a que o seu robusto organismo conseguiu ainda resistir, vindo prostral-o finalmente uma congestão cerebral.

Roberto Schiappa era um caracter diamantino, e um amigo leal e sincero como poucos. Dotado de um espirito jovial, o seu convivio tornava-se alegre e captivante pela graça e finura dos seus bons ditos.

Nos tempos de sua mocidade foi um valente amator taoumarchico, tomando parte como forcado nas antigas touradas de fidalgos da praça do Campo de Sant'Anna e da velha praça de Santarem, nos grupos da *velha guarda*, a que pertenciam o conde de Vimioso, o marquez de Castello Melhor, Galaches, Maniques, Ferreiras Pinto, Bulhão Pato e outros. O auctor da *Paqueta*, recordando a epoca da sua juventude, consagrava-lhe uma afeição sincera.

Lamentando profundamente a morte de Roberto Schiappa, enviamos sentidos pezames a sua familia, e em especial a seu sobrinho e nosso querido amigo sr. Carlos Theriaga.

Fomos amigos de Roberto Schiappa e apreciadores do seu bello caracter, de rija tempera. Paz á sua alma.

Sentimos com verdadeira magua o seu fallecimento e enviamos os nossos sentidos pezames a sua familia.

AS MODES MENSUELLES

DE BUTTERICK

Conhecidas no paiz pelo jornal *Moda Universal* ha um anno que se vulgarisam em Lisboa e nas provincias, onde cada vez cresce mais o numero de assignaturas. O numero que agora recebemos é em formato extraordinario e traz grande variedade dos ultimos modelos de *toilettes* para senhoras e creanças.

Quem compra este numero extraordinario fica possuindo a collecção das ultimas modas tanto de Paris como Londres.

A administração portugueza d'este jornal, que, como se sabe, é editado em New-York por uma poderosa companhia, tem a sede no escriptorio da Agencia Nacional, rua do Ouro, 178, Lisboa, de que é director e proprietario o sr. Augusto Soares.

Os pedidos de assignatura devem ser dirigidos á Agencia Nacional, acompanhados de 480 réis em estampilhas ou vale do correio.

A' ultima hora O Campeonato de Portugal e a U. C. I.

No momento em que o *Tiro Civil* ia a entrar na machina recebemos o seguinte telegramma de Paris, dando-nos a agradabilissima noticia de que o congresso da União Cyclista Internacional, depois de prolongada discussão ractificou a decisão do *comité* director da mesma Uniao, annullando o campeonato de Portugal, organizado pelo R. V. C. P. sob o regulamento da U. V. H.

Eis o telegramma:

Tiro Civil—Lisboa. Congresso da U. C. I. approvou as resoluções dos *comités* da U. V. P. e da U. C. I. que annullaram o resultado da corrida —Campeonato de Portugal, organizada pelo R. V. C. P. sob os regulamentos da U. V. H.

Géo Lefèvre.

CONSULTORIO DENTARIO Satrio Augusto Paiva, *Cirurgião dentista* ♦ ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ ♦ pela escola de Paris. = Doenças de bocca e dentes,
RUA DE SANTA JUSTA, 60, 2.º